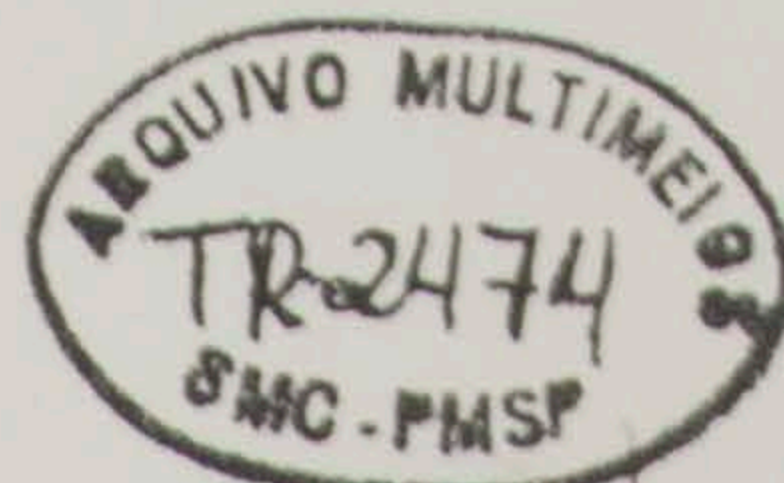




ARQUITETURA/URBANISMO/PAISAGISMO



28 fls / f. 1

Pesquisa : BRÁS
Pesquisadora : Glória Maria Bayeux
Data : 23/05/78
Fita 1 : Lado 1
Entrevistado : Hermelindo Fiaminghi
Historiadora : Waltraud Weissmann

Fiaminghi - Bom, hã... O que que cêis querem de mim?

Historiadora - Seu nome...

F. - (...) Hermelindo Fiaminghi; idade cinquenta e oito anos; nasci no Brás; profissão - publicitário; atividade atualmente é... publicitário, programador visual, pesquisador, pintor etc.

RISOS

Meu relacionamento com o Brás é desde quando eu nasci. Hã...que mais vocês querem saber?

H. - A história do Brás, como que você viu o Brás, o que que você lembra do Brás...

Pesquisadora - E é bom a gente ir por etapa, tá?

F. - Perfeito.

H. - Como coisas interessantes que aconteceram...

F. - Eu nasci em 1920 e vivi hã... propriamente, assim, no Brás, num bairro do Brás - praticamente a parte nova do Brás, que é o Canindê. Pari, Canindê... hã... ali pela altura do bairro do Oriente também. Quer dizer, conheci, morei nesses três lugares. Até a idade de sete anos eu conheci esses três lugares, depois mudei-me prá Lapa e voltei ao Brás morando na, na Lapa, passando férias na casa de minha avô. Então, continuei o meu contato com o Brás - continuou. Mas,



TR 2474

- voltei de novo, definitivamente, em 1940, mudando da Lapa de novo para o Brás, para a Av. Valtiêre. Quer dizer, o que deve se entender aí é que o Brás era uma coisa só. Antes de estar subdividido nos vários bairros, há... aquele miolo forte do Brás, pelo lado da, da... da Estação do Brás - o Largo da Concórdia. Ali era o centrão do Brás. Mas o Brás foi se alargando foi se espalhando, foi se... foi aumentando e outros bairros... A subdivisão do Brás global se deu com o Pari, com o Canindé, com o Oriente, bairro do Oriente, há... o bairro ali da... quase próximo da Luz. Bom, há, uma das recordações que eu tenho do Brás é da Revolução de 1924, embora eu tinha apenas quatro anos. Há... o quartel era ali na Rua João Teodoro. Ainda hoje existe ali uma lembrança dessa revolução, que é aquela chaminé da cozinha da Força Pública. Há... ali caiu uma granada, tentaram atingir aquele quartel com uma granada e a granada atingiu a chaminé - há... isso está lá ainda. E com esse... e até há pouco tempo, antes da construção do metrô, na Av. Tiradentes, é... existia uns postes, há... furados os postes de ferro, ainda furado à bala - recordação da Revolução de 24, bala de fuzil. Mas, uma das lembranças que eu tenho da época era... da... foi a... a... o saque que o povo fez nos armazéns gerais na... ali onde se localizam os atacadistas, que ainda hoje se localizam ali, pelo lado do mercado na... Cantareira, na... por ali. Me lembro que esse saque foi uma coisa, assim, para mim criança, foi assim uma coisa... parecia um dia de festa. Por que? O pessoal roubava saco de farinha, há... sacou...

RISOS

... do armazém os sacos de farinha, há... e comestíveis e as ruas... eu olhando pela janela da minha casa tenho assim uma imagem, uma lembrança... Eu sempre guardei uma imagem visual das coisas - as ruas ficaram brancas de farinha porque a farinha se derramando nas ruas; o pessoal carregando farinha, farinha e as ruas, as calçadas todas brancas (isso é uma lembrança que eu guardo). E... um parente meu, que também participou do saque há... trazia uma caixa



TR 2474

- pensando que era azeite. Quer dizer, a polícia não se opôs ao saque...

P.

- Ela permitiu, né?

F.

- ... de, desde que esse, desde que não havi... não, não acontecessem abusos de saquear coisas de, bens comuns. O negócio era a necessidade primeira, né? E, lembro que um parente meu trazia uma caixa pensando que era azeite. Quando ele abriu era punhal, eram punhais, não eram azeite. E, ele ficou apavorado com isso, queria devolver - mas como é que devolvia? Jogou no poço. Meses depois, muito tempo depois, eu recolhi isso do poço - tava tudo enferrujado. E, eu guardo um punhal desses de lembrança, eu tenho um punhal desse que ele me deu de lembrança da época. Bom, uma outra coisa que eu me recordo também, e que era... Na minha idade, então, aquilo tudo era novidade porque tudo que era diferente era novidade - era de que as famílias, depois que o tiroteio passou prá rua, quer dizer, a... no combate, muitas ruas aconteceram coisas; era de que meu avô... Nós morávamos numa casa na Rua Rio Bonito e esta casa tinha um porão alto. A maioria das casas tinha um porão quase que habitável, mas esse porão era um porão de despejo. E, uma noite que uma bala entrou pela janela e tirou a piruleta de uma cadeira, meu avô tomou as medidas de segurança e passou toda a família pro porão. Então, o negócio começou a apertar. Começou a apertar e morando nesse porão, me lembro que ficamos muito tempo sem poder comprar pão - não havia pão. Então, o que se comia, não tinha pão, por isso o saque de farinha etc., etc. Não tinha pão e comia-se café com leite e farinha, farinha de milho torrada. Isso, prá mim, era uma novidade, era melhor que o pão.

RISOS

Era novidade. Bom, o... Esse é um acontecimento que eu me lembro da época. Das coisas da, do bairro, o que me recorda bastante na infância são as enchentes. O Rio Tietê não era canalizado, não era... há, um rio canalizado e não era... Como é que se diz?



P.

- Alinhado...

F.

- ...alinhado, não era...

P.

- Retificado.

F.

- Retificado. Depois que retificaram o rio ele passou a transbordar menos, mas antes de ser retificado ele serpenteava ali pela Coroa, chamado bairro da Coroa, Vila Guilherme etc. E, me lembro que a enchente... Eu tinha nove anos, a enchente de 1929 foi a maior que eu vi. A... o lado, o, o... a região mais próxima do rio, ela ficou alagada de tal maneira que a água chegava até a... a Rua João Teodoro.

P.

- HUM, hum.

F.

- Até a Rua João Teodoro. E, como ali é um declive nós circulávamos pelas ruas como transporte... Durante três meses de enchente o transporte foi de barco. Havia as barcaças de areia, quaelas imensas barcaças de areia, hã... transportavam os operários e domingo havia passeios com esses barcos. Os barcos eram enfeitados porque a maioria do pessoal que ali morava eram portugueses e aproveitaram a enchente prá matar a saudade dos bairros enfeitados com bandeirinhas. E, domingo, os barcos eram enfeitados para passeio e pagava-se duzentos réis prá, prá fazer um passeio no alagadiço do Brás.

RISOS

Isso era uma das coisas, né? Outra coisa hã... que eu me recordo também, assim... da coisa paisagística, era o alto do, do morro do Pari. O morro do Pari, até hoje ele tem assim uma, um traçado totalmente estranho de ruas e casas; há uma arquitetura até própria pela largura das ruas e pelo tamanho das casas. Poucas eram as casas que obedeciam o pé direito exigido como era na época. Normalmente, o que se exigia, na época, era um pé bastante alto e a porta de dois metros, e mais o porão quase que habitável - exigências desses lugares porque por causa



TR 2474

instituto de Arqueologia e Etnologia

- das enchentes. Tanto que que as casas com porão bastante alto hã... não tinham água dentro da casa. Nós saíamos de nossa casa de barco, de dentro do corredor - o corredor que dava prá escada era estacionamento de barco.

H. - Ai! Que barato!

F. - Bom... do alto do Pari era diferente - até hoje pode ser constatado isso, pode ser documentado isso. Hã... era uma espécie de vida italiana, sabe? Era umas ruelas estreitas, não entrava automóvel. Hoje até é difícil - algumas ruas foram alargadas prá que o automóvel pudesse entrar. Eram ruas assim- o que? De dois metros e meio, dois metros, um metro e meio, coisa assim. Podia passar com o cavalo e com uma carrocinha pequena, né? E... toda, todo o traçado do morro é de vielas, é um morro de vielas. Hoje é até romântico. E a primeira escola que eu tive foi ali, uma escola... era... chamava-se Colégio Santa Teresinha. Eu fui prá aquela escola com quatro anos e meio de idade, era uma espécie de jardim da infância. Hã... esse morro existe até hoje e muito do traçado dele ainda permanece, e das casas também da época ainda permanece. Isso, vamos dizer recordação da infância.

P. - Eu queria voltar um pouquinho - você é filho de imigrantes?

F. - Não, meus avós. Meus pais são filhos de imigrantes, meus avós hã... imigraram por volta... 1910, não sei se bem 1910.

H. - Seus pais já eram nascidos aqui?

F. - Meus pais nascidos... Não, muito antes, não não que dez. Meu pai nasceu em 1898, eu acho que foi por volta de 1800 e pouco...

H. - Hum, hum.



F. - ... meus avós. 1800 e pouco, é.

P. - E cê sabe porque eles vieram pro Brasil? Tem alguma referência disso?

F. - É, eu, na época...

H. - Eles trabalharam, na época, na lavoura ou... tinham outra ocupação?

F. - Não foram prá lavoura.

H. - Ah, não... ah! não! Bem...

F. - Não, não. Não, não, não eram... não eram... profissionais especializados; eles foram prá lavoura; foram prá Fazenda Guataparã - eu visitei essa fazenda. A Fazenda Guataparã era a fazenda dos Prados. Foi quando os fazendeiros, eu acredito... Hoje eu sei que isto tem uma relação com o problema "negro" - da importação da mão de obra estrangeira para substituir o negro na fazenda.

P. - Hum, hum.

F. - Hoje eu sei disso porque a história conta, quer dizer, o levantamento da coisa está sendo feito. Hã... na época eu não sabia. Mas, há uma relação aí, um dos irmãos de minha avó, o irmão mais novo de minha avó, que veio com ela, porque tanto os pais de minha mãe e os pais de meu pai vieram juntos da Europa prá cá. - vieram juntos da Europa prá cá, vieram juntos da Europa prá cá e hã... eram conhecidos lá; vieram juntos e foram prá mesma fazenda e... depois, o meu avô, pai de meu... Quero contar o caso do, desse irmão de minha mãe, minha avó: esse irmão mais novo, na Fazenda Guataparã, apaixonou-se de uma mulher de cor, de uma jovem de cor; depois de três meses, quatro meses que eles tinha chegado prá fazenda, esse irmão de minha avó desapareceu e nunca mais o encontraram até hoje.

H. - Ah, quer dizer, ele não chegou a casar com essa moça, nada?



TR 21/44

- F. - Não, desapareceu.
- H. - Saiu, desapareceu. Ela continuou na fazenda?
- F. - Desapareceram com ele.
- P. - Ah, é?
- F. - Desapareceu.
- H. - E ninguém sabe o que aconteceu?
- F. - Ninguém sabe o que, que houve. Deduz-se que ele tenha sido morto... por ter tido ligações e ter gostado desta mulher de cor. Mas, como havia aquela rivalidade do, do, da mão de obra do colono estrangeiro em substituição ao, ao, ao...
- H. - Negro.
- F. - ...ao residente aqui, então, eu acho que houve assim uma espécie de, de...
- P. - Uma rivalidade.
- F. - ... uma rivalidade, uma revanche, acredito eu. Bom... pergunta.
- P. - Ainda sobre os imigrantes, eu queria saber o seguinte: se havia no Brás alguma... segregação? Os italianos de um lado, outras origens de outro, operários de outro ou se não? Se havia um...
- F. - Não, não havia, pelo que pude sentir, não havia. Tanto que o Brás era composto de espanhóis, ita...principalmente de italianos e portugueses e espanhóis; e ali há casamentos entre as famílias. A maioria dos meus tios são casados com portugueses, portuguesa, espanholas...
- P. - E assim um...



F.

- As famílias se davam muito bem, se uniam. Quer dizer, eu sentia que havia hã... uma grande... afinidade porque o Brás sempre foi composto de um povo operário, de um povo simples. Os que enriqueceram, enriqueceram no Brás...

P.

- E se mandaram.

F.

- ... e continuaram simples. Alguns se mandaram e outros continuaram. Mas não se impolaram, quer dizer, continuou a mesma humildade, certo? A mesma afinidade. Eu conheço várias famílias do tempo do meu avô, que enriqueceram e continuam as mesmas.

H.

- Continuam morando no Brás ou...

F.

- Alguns deles sim.

H.

- Continuam?

F.

- É.

P.

- Mas nem todos continuam.

F.

- É. O...

FALAM JUNTOS

F.

- Bem pouco. Hã...

P.

- Mas eu (....) na classe (...) na classe residencial...

F.

- Sim.

P.

- Havia assim um, uma mistura ou então (...)?

F.

- Havia. Por exemplo, tinha os chamados cortiços, vilas hã... vilas, hã... Eu acho que até havia assim... A vila e o cortiço era uma coisa diferente do que se entende hoje - o cortiço, hoje, é uma marginalidade, você vai para o cortiço porque você está marginalizado ou a vila. No Brás não, no Brás significava morar junto, significava estar junto. Havia, por exemplo,



- uma vila, a rua... ali no Brás a rua... uma rua bastante conhecida...
- P. - Cahoeira?
- F. - Não. Mais prá cima, numa travessa da, da Celso Garcia.
- H. - Caetano Pinto?
- F. - Caetano Pinto! A Rua Caetano Pinto era uma vila em que havia festejos, reuniões entre os moradores da vila. É... eles juntavam-se, quer dizer, o fato de o fato de morar em vila ou em cortiço era o fato de se tornar comunitário, era comunitário. Eles faziam teatro juntos.
- H. - Você chegou a morar em cortiço, não?
- F. - Morei em vila.
- H. - Em vila?
- F. - Morei em vila.
- H. - O que que você achava?
- F. - Era exatamente isso que eu sentia. Estou dizendo isso porque eu sentia isso na minha infância.
- P. - Mas, havia também, assim, uma necessidade econômica, não é mesmo?
- F. - Também, também. Mas eu digo, não era marginal...
- P. - Sim, claro.
- F. - ...não era como é hoje em que você quer sair do cortiço o mais rápido possível, assim que você tem uma condição. Não, naquele tempo não. O cara ficava, embora melhorasse de condição; embora melhorasse o seu poder aquisitivo ele continuava, continuava, por que?



- Ele se sentia, vamos dizer, irmanado, hã...coletivamete irmanado.

P. - E, e daí (...).

F. - Você entende? Não, não era uma coisa depreciativa.

H. - Não, pelo contrário.

F. - Era o contrário.

P. - E as vilas operárias?

F. - Idem. As vilas operárias idem. Por exemplo, o... minha avó morou numa delas e tinha posse prá morar em outras casas, não morava em outras...

H. - Preferia...

F. - ...preferia. Porque era ca... era, era, era... O imigrante, ele tinha um problema, assim, de segurança, pelo menos psicologicamente; mesmo depois que saiu da fazenda etc. E não vamos esquecer que nas fazendas o imigrante morava numa espécie de colônia e a colônia era uma espécie de vila - casa frente a frente. E, isso dá segurança, dava segurança a, aos moradores, um socorria o outro, havia com quem papear, havia com quem festejar, havia com, com havia quem convidar pro aniversário, pro batizado, você entende? Então, quando eles mudaram prá São Paulo, eles continuaram com o mesmo costume, embora alguns deles pudessem morar uns por, por problema econômico e outros por problema de afinidade.

H. - Realmente, realmente gostavam de viver ali.

F. - Era, era... proporcionava segurança, proporcionava amizade, proporcionava hã... a... O filho da fulana namorava a filha e acabava casando e depois essa, esse casal jovem passava a morar na vila e o filho nascia ali, avô estava junto, a mamã e etc., etc. Você tá entendendo?

instituto de arte contemporânea



TR 2474

H.

- Hum, hum...

F.

- Quer dizer, era uma outra, era um outro tipo de problema - a diferença de classe, embora existia, elas não eram tão agressivas, não se sentia a agressividade da diferença de classe como hoje - Hoje a diferença de classe é uma agressão, quer dizer, o cara de uma classe diferente da outra, do outro, ele se sente agredido sem ser agredido. Naquela época não, naquela época não! Havia diferença de classe, havia os problemas de greve, os problemas de, de... Dentro do P.R.P, por exemplo, a greve era massacrada a cavalo, não é?

P.

- Você se lembrou de uma coisa - já que a gente tá falando de greve, de vila, hã... a gente falava das vilas, proclamava os movimentos políticos de operários. Havia assim um, havia muitos industriais como o Jorge Street, né, que fez a Maria Zélia. É um industrial - propiciava aos operários a moradia e etc.

F.

- É.

P.

- Né? E essas vilas então, eram, sei lá! Impostas, né?

F.

- Hum...

P.

- E haviam vilas mais espontâneas.

F.

- Certo.

P.

- Até que ponto o senhor acha que isso influía no movimento operário? Porque, uma vez que ele tava morando numa vila da indústria ele corria certos riscos se, se haveria movimento.

F.

- É. Através dessas vilas, a vila da Maria Zélia, a vila do, dos Nosquese... toda indústria, por exemplo, na, na, na, na... lá na Vila Romana, na Água Branca, a Sta. Marina, toda indústria que era a multinacional da época... A Sta. Marina era de origem francesa - fábrica de vidro de, de, de vasilhame de vidro, garrafas. É...

X



instituto

- eles vinham com essa mentalidade de cercar o pedaço e de controlar o pedaço. Aí, começou realmente o que se chama de anarquia, eles trouxeram o anarquismo através disso, politicamente. Aí, se tornou a, a, a regimentação política. Essas vilas não tinha a qualidade das vilas que eu falei antes.

H. - Em que sentido?

F. - No sentido de afinidade entre os moradores. Eles estavam ali por contingência...

H. - Não por opção.

F. - ... não por opção. Foi exatamente esse tipo de comportamento, no meu entender, que começou a gerar uma consciência política no operário. Quer dizer, ao mesmo tempo em que se oferecia a ele toda a segurança também se oferecia uma desconfiança do porquê dessa segurança. E, os movimentos anarquistas, na época, hoje eu posso identificá-los daqui pra lá, porque na época não tinha condições, eu era menino, há... iniciaram-se assim - muitos operários especializados que vieram com esse tipo de empresa é que conscientizaram o operário nacional. Há... não havia entre um operário da época uma consciência política, eles eram conscientizados por operários estrangeiros - era uma conscientização. Há... o que havia era muito mais o... o espírito voltado para a cultura, embora assim a nível vamos dizer... a nível...

H. - Popular...

F. - ... popular do que propriamente para a política. Então, eu conheci, por exemplo, através dos meus tios, através de amigos dos meus tios, havia assim, vários conjuntos de serenata, música. Muitos deles se dedicavam a um instrumento - violino, violão, bandolim, harmônica, alguns piano, alguns... há... A maioria, instrumento de corda. Então, tinha grupos de música, havia grupos de teatro, grupos vários, imensos grupos de teatro. Papai



TR 2174

- participava de um deles, os outros meus tios, todos os meus tios participaram de teatro na época. Se chamaram isso de teatro operário, de teatro marginal, de teatro... *anarquista*

H. - Anarquista...

F. - ... anarquista, de teatro não sei o quê, esses nomes eles não conheciam. Eles faziam teatro, eles de dedicavam ao teatro. Uma das instituições que pelo que eu posso assim imaginar é uma instituição que se chamava "Dopo Lavouro".

P. - No Brás?

F. - No B... A instituição, a associação "Dopo Trabalho" tinha em todos os bairros uma sede, mas se eu não me engano, na ocasião de Getúlio, por ocasião de Getúlio, essas sedes foram fechadas porque, parece que, deslumbraram o problema político dentro dessas sedes. O Dopo Trabalho, o Dopo Trabalho o que que era? Era o Centro de recreação depois do trabalho, aonde você fazia teatro. Quase todas as sedes tinham palco, tinha auditório aonde o operário há... exibia, mostrava a sua poesia, o seu teatrinho muito assim, vamos dizer, mambembe, mas era o que ele fazia. As famílias iam prá lá e assistiam... o que hoje é chamado showzinho - ele fazia o espetáculo musical dele... se ele tinha conjunto, há, de... um conjunto musical, ia lá, exibia esse conjunto... Havia os bailes no Dopo Trabalho... O Dopo Trabalho era um centro de recreação, mas no fundo, no fundo, no fundo, há... alguns... Houve infiltração política, acredito eu, de base anarquista. E, começou a conscientizar, e aí, trancaram a coisa e se diluiu uma grande coisa que o operário passou a ser assim, vamos dizer, há... muito menos aceito a essas coisas mais, há, cult... da cultura popular, do popular que desenvolvia, né?

P. - Antes de se... dá prá sentir assim...

F. - Então, o Brás, o Brás na década de 20, década de 30,



instituto de arte contemporânea

- isso terminou na década de 40, com a vinda de Getúlio. O Brás era, era uma serenata em cada esquina, uma serenata em cada esquina. Quer dizer, em cada esquina tinha uma serenata.
- H. - E você acha que isso acabou na época do Getúlio?
- F. - Acabou.
- H. - Por que?
- F. - Eu acredito que por esse desestímulo do, do após trabalho, do Dopo Lavoro, que eles chamavam, quer dizer, a coisa foi se diluindo, foi se desmanchando...
- H. - Quer dizer, não deixa que os operários, então, continuem se reunindo?
- F. - Não, eu acho... Acabou o tipo de, de, de, de encontro.
- H. - De encontro...
- F. - ... e reunião. Eu não digo Getúlio, eu digo...
- H. - Aquela política...
- F. - Aquela política acabou esse tipo de encontro.
- P. - É. Inclusive, que eu acho importante, que antes, até a... antes mesmo do Getúlio havia, assim, um movimento muito grande de operários, de sindicatos, né? E de movimento cultural e de movimento político. Com a vinda do Getúlio ele criou o Ministério do Trabalho que...
- H. - E os sindicatos.
- P. - ... dividiu, entende?
- F. - Mas, os sindicatos, na época, os sindicatos, na época, era de fundo anarquista, eram anarquistas.



- P. - Sim, mas com a vinda do Getúlio e com a criação do Ministério do Trabalho ele teve controle sobre tudo isso.
- F. - Ele teve controle...
- P. - Eu acho que foi...
- F. - É. Embora os sindicatos tenham crescido mais...
- P. - Hum, hum.
- F. - ... para fins políticos do próprio...
- H. - Getúlio.
- F. - Bom, mais tarde o próprio Goulart, inclusive, né? Os sindicatos se arregimentaram mais, quer dizer, eles ganharam mais força, quer dizer, não havia obri... a obrigatoriedade de você ser sindicalizado e depois houve, né? O sindicato era uma coisa espontânea, não é verdade? Mas, há... falando ainda do Brás... há... um outro aspecto não político e que também é cultural - o carnaval em São Paulo se realizava no Brás.
- H. - Hum, hum.
- F. - Não era na Av. Paulista como foi mais tarde. A Av. Paulista veio há... depois da década de 50. O grande centro de carnaval, do carnaval paulista era no Brás - na Av. Rangel Pestana até a Praça da Sé. Eu cheguei a andar, a andar em 50cm de altura de confete na rua, confete até o joelho e serpentina.
- H. - É?
- F. - Se não, era, era, era um colchão. O corço, o corço dos carros com capota arreada era no Brás, não era na Av. Paulista.
- P. - É, inclusive.

instituto de arte contemporânea



- F. - Os grandes espetáculos, os grandes espe...espetáculos importados aconteciam no Brás.
- H. - Companhias estrangeiras?
- P. - Teatro Colombo?
- F. - Era no Brás. Teatro Colombo no Largo da Concórdia, Brás Politeama, ha... Oberdan, Oberdan... Por exemplo, lançavam um filme, um filme, o filme ganhava popularidade, aí vinha o artista.
- H. - Ah, é?
- F. - Vinha o artista. Então, eu conheci no, no Brás Politeama, eu conheci hã... Raul Roulian, Raul Roulian que era um brasileiro que fez sucesso em Hollywood. Hã, fez o filme "noites de Verão"...
- P. - Hum, hum.
- F. - .. e que foi um sucesso fabuloso. O cara veio prá cá e se apresentou. É... o substituto do Rodolfo Valentino, veio prá cá, que era o... ele era latino-americano, mas radicado nos Estados Unidos e foi assassinado há pouco tempo no... em Nova Iorque. Eu não me lembro o nome desse, desse artista. Também esteve e se apresentou, Hugo (...) que substituiu Gardel, o próprio Gardel. O próprio Gardel, em 30, esteve no Brás, o próprio Carlos Gardel, em 30... é no Brás.
- P. - Já que a gente tá falando...
- F. - Os grandes concertos da o... da orquestra, eu assisti vários e vários e vários e vários concertos da orquestra estadual - não sei se era estadual ou municipal, da época, dirigida pelo Guarniêri. Não o Camargo, Camargo, compositor, o Eduardo Guarnieri, pai do, do, do Gaurnieri, hã... teatrólogo - o Eduardo Guarnieri. Dava espetáculos às 10 horas da manhã, em todos, em todos aqueles pe... em todos aqueles teatros



- música sinfônica. Isso já na década de 40.

P. - Já que a gente tá falando desse miolo aí de teatro, cê se recorda... como era o Largo da Concórdia no tempo do Teatro Colombo?

F. - Recordo, era um jardim sô. Era imenso jardim em volta do Teatro Colombo.

P. - Hum, hum.

F. - Todo arborizado. Ainda existe ali uma casa, hã... que é da época - é uma casa de estilo paulista...

H. - Hum, hum.

F. - É da época. Aquela casa é uma pensão, hoje.

H. - É.

P. - No Largo?

F. - No Largo, no Largo... Hã... o Teatro Colombo era uma praça espetacular, parecia assim com... uma ru... o Teatro Colombo de Buenos Aires, né? Parecia, quer dizer, ele tinha esse feitio, tinha esse feitio. O maior cinema do Brasil foi feito no Brás, quatro mil lugares. Vocês podem imaginar um cinema com quatro mil lugares, não é?

P. - Mas ali havia assim, havia comércio ou havia mais residências e... cantinas...

F. - O comércio, o comércio do Brás era mais forte que o comércio do centro.

H. - Ah, é?

F. - É.

P. - Mas se localizava na Av. Celso Garcia, na Rangel Pestana...



F.

- Celso Garcia. por que?

P.

- ou...la que eu me torpei muito e passei a frequentar as
cursos rapidos, a frequentar pra outros lugares. Então

F.

- Não. Celso Garcia... a quanto estava. Por exemplo,

P.

- Mas é no, no... no Largo da Concórdia, no Av. Paulista, no
bairro, no Largo da Concórdia, no Bairro Italiano, né?

F.

- Celso Garcia

P.

- Quer dizer, no, no Largo da Concórdia era mais
residencial.

F.

- É. Existia, existia na década de 30 e o prédio está
lá até hoje - hoje, se não me engano, é Banco Itaú.
Embaixo existia a Confeitaria Guarani.

H.

- Hum, hum.

F.

- O prédio está lá, inteirinho, estilo mourisco e a
Confeitaria Guarani fazia o seguinte: fazia matinês e
você provava ali, comia em mesinhas, assistia cinemas
com sorvete tipo italiano, cassatas, etc., etc., etc.
Era uma degustação de coisas importadas - até torrões
importado tinha, os torrões.

H.

- Você ficou no, frequentou o Brás muito tempo até
quando rapaz? Como foi?

F.

- Eu frequentei o Brás até os meus vinte e cinco anos;
eu vivia nas coisas do Brás mesmo, mesmo morando na
Lapa eu vinha para o Brás, porque eu vinha passar
férias na casa de minha vó. E... frequentava os
cinemas com meus primos e etc., etc. E, me lembro,
no Cine Oberdan, eu estava nesse matinê quando houve
um atropelo, uma correria e morreu mais de quarenta
crianças nessa, nessa correria. Eu tinha saído um
pouquinho antes da correria. O cara gritou, um cara
lá gritou "fogo!" e deu um atropelo lá e fechou, o
cinema fechou até hoje.

H

. Você foi assim, passando no Brás sem vida cultural,

instituto de arte contemporânea



- coisas assim, por que?
- F. - Depois que eu me tornei adulto e passei a frequentar outras rodas, aí me bandiei prá outros lugares. Então onde acontecia coisas, a gente estava. Por exemplo, aí, depois dos vinte e cinco anos eu comecei a dançar, hã... e os bailes eram aqui na, na Av. Paulista, no Trianon, no Clube Pinheiros, no Círculo Italiano, né?
- H. - Aí, você foi se afastando do Brás.
- F. - Aí, pelas amizades você vai se afastando, né, você vai se diluindo, por assim dizer, com outras amizades, né? Os primos foram casando, eu casei tarde...
RISOS
- P. - Fiaminghi, houve uma época no Brás que ele era assim, bastante frequentado por uma elite cultural, uma elite intelectual...
- F. - Era.
- P. - ... a época assim, da boemia...
- F. - Era. A boemia acontecia no Brás.
- P. - Os intelectuais saíam daqui iam prá lá.
- F. - Síam de outros lugares e iam prá lá.
- P. - E você viveu essa época, você participava?
- F. - Eu me lembro, por exemplo, de... por volta de 40 havia uma pizzaria aonde era frequentado, a frequência era de intelectuais. Mas, eu não tinha a veleidade dos intelctuais naquele tempo, e não dava nenhum valor a isso - achava até que aquilo era sofisticado. Hã... depois eu comecei a me dedicar à pintura, comecei a, a... me enfronhar nesse meio e comecei a achar bacana. Eu, hoje, já estou achando novamente a coisa furada, sabe? O simples fato da coisa ser frequentada por intelectual, hã... eu não acho que dá mais ou menos,



FISA 2 - Lado B

Instituto de Cultura
de Arquivo Histórico

- maior ou menor prestígio, entende? Na época, dava:

- "Não, eu frequento aquele lugar porque fulano frequenta."
negativo

P. - E, por que que o pessoal ia prá lá, tem idéia?

F. - Ia e ainda vai, e ainda vai. Não com aquela frequência, mas ainda vai. Hã... eu não sei, eu acho que pela...

P. - Por questão folclórica?

F. - Por questão folclórica, exatamente. As cantinas, tradição... Se você quiser ver alguma coisa, por exemplo, quando o Quietim Fiori esteve aqui o Quietim Fiori é o cara que, nos Estados Unidos, ele mora em Nova Iorque, numa fazenda em Nova Iorque há duzentos quilômetros de Nova Iorque. Ele faz ou fazia, era assessor direto do Mach Luhan e fazia livros do (...) Ele esteve aqui no Brasil; ele foi me apresentado e ele vinha do Rio. Quando chegou a São Paulo ele se apavorou, falou: "Eu fujo de Nova Iorque, moro numa fazenda há duzentos quilômetros de Nova Iorque e venho cair aqui, tô caindo aqui nesta, nesta massa de concreto. Isto aqui me deprime! Pã, pã, pã..." Então, eu levei pro Brás, prá ele conhecer alguma coisa - hã, pizzarias de fundo de quintal, hã... a Cantina do Brás, aquela coisa. Ele falou, ele falou: "Olha, a melhor coisa que eu vi no Brasil, até o momento, depois do Rio de Janeiro." Gostou muito do Rio de Janeiro, mas foi a melhor coisa. Depois eu levei ele pro Embu - ele tava deprimido com, com... a cidade imitação, né? Ele tava deprimido. Quer dizer, foi em Embu... "Mas o que que eu gostei mais foi do Brás mesmo."

... das Secretarias de Cultura, etc., de uma preservação das coisas, que não está havendo. Por isso que se tá... tá há-se progressos nesse sentido, através de (...) etc., etc., etc., etc., etc., etc., etc., há... há... há...



FITA 1 - Lado B

- P. - Bom, o que eu queria saber é o seguinte: Como você vê o Brás hoje e quais os motivos você acha que ele se deteriorou, e se encontra na atual circunstância?
- H. - Que fatores levaram a quê? Como que você vê isso?
- P. - Porque ele era um, um bairro cheio de vida, mil gentes morando lá e hoje é um bairro totalmente deteriorado.
- F. - É. Eu acho que não só o Brás deteriorou como a Bela Vista, o Bexiga...
- H. - O centro, né?
- F. - ... o próprio centro. Quer dizer, nós não preservamos nada e isso é o progresso, o chamado progresso. Agora, se você me perguntar - "Há necessidade dessa, desta coisa, deformação?" Eu acho que não. Eu acho que foi um tipo de progresso incontrolado, e que deveria, pelo menos, haver uma... um programa de urbanização, há... para conservar essas coisas. Um outro fator, que esse é também ligado ao poder econômico, ao chamado progresso é o problema imobiliário.
- P. - Especulação imobiliária?
- F. - Especulação imobiliária. Quer dizer, os terrenos... O Brás é um bairro próximo ao centro, o Bechiga é um bairro próximo do centro, Bela Vista próximo do centro. Quer dizer, o povo caminha rápido, né? Mas, eu acho que deveria haver sim, por parte dos, dos, dos...
- H. - Urbanistas?
- F. - ... das Secretarias de Cultura, etc., de uma preservação destas coisas, que não está havendo. Por mais que se te... tenha-se progredido nesse sentido, através do (...) etc., etc., tombamentos etc., etc., não se criou há... há... uma lei que feche um quarteirão, que feche



TR.2474

- que feche um bairro, que feche uma, uma... o ... problema do imóvel é...
- H. - Porque eles fazem tombamento de prédios isolados, né? Eles fazem sem ter a utilidade real dele.
- F. - Exatamente, exatamente. Tombar um quarteirão é difícil.
- H. - É difícil porque é uma medida de preservar toda uma vida...
- F. - É difícil. Pois é, flora não está sendo, a flora não está sendo preservada...
- P. - Acho que não é problema de tombamento, acho que é mais um problema da própria legislação...
- H. - ...Que não se preocupa com esse tipo de, de tombamento porque isso também é um tombamento.
- F. - É.
- H. - Porque preservar o Bras como bairro... como ele foi antigamente...
- P. - Hoje tem...
- H. - ... é, é preservar o... o tombamento.
- P. - Hoje tem que dar (...).
- F. - Por exemplo, o automóvel...
- P. - Hum, hum.
- F. - ... o automóvel...
- P. - Mas, e...
- F. - Nós tivemos, nós temos uma cidade que ela foi mal traçada.
- P. - Foi feita pro bonde.



TID. 2474

F.

- Ele não foi, hã... digo, não é que ele é mal traçada, ela não foi traçada prá poder suportar toda, todo esse progresso - progresso do automóvel, progresso... etc., né? Não foi traçada prá isso. Então, vai ter que alargar rua, foi hã... alargando rua e abrindo avenida e, e...

P.

- Fazendo umas costuras...

F.

- ... Fazendo pontes e derrubando prédios. Por exemplo, o Teatro Colombo era um teatro que era prá você não derrubar...

P.

- Incendiaram.

F.

- ... não é verdade? É uma praça prá ser conservada. E assim outros teatro, não é verdade?

H.

- É, porque eles têm planos maluquíssimos ainda no Brás, né?

P.

- Mas assim, por que que... antes havia todo um movimento cultural no Brás e isso foi acabando com o tempo.

F.

- As famílias foram saindo.

P.

- Hum, hum.

F.

- Hã... houve uma espécie de imigração e migração, não é? Praticamente o italiano, o português, foi substituído pelo espanhol, paulatinamente foi substituído pelo nortista. À medida em que o, o... São Paulo começou a crescer e mão-de-obra da construção se fez necessária, hã... o Brás começou a oferecer condições, hã, mais econômicas pro nortista morar lá - as vilas, os cortiços, os porões etc., etc. Então, automaticamente essa coisa foi sendo substituída. Uma que as famílias tradicionais do Brás ganharam outras condições de vida e passaram para outros bairros - esse é um fator; o outro fator o próprio crescimento de São Paulo



- proporcionou praticamente uma mudança de, de residência né?

P. - Você não acha que o Brás, ele se desenvolveu por causa da industrialização?

F. - Da industria... foi.

P. - Ponto pacífico.

F. - Foi, foi.

P. - Mas que essa mesma industrialização, no decorrer do tempo, contribuiu para o seu retrocesso?

H. - Não, (...).

F. - Para sua liquidação

H. - Hum, hum.

P. - Para sua liquidação?

F. - Para su... Exatamente para sua liquidação

P. - Hum, hum. Quer dizer que eu digo indústria é industrialização do movimento industrial no Brasil, São Paulo.

F. - É, as grandes indústrias se localizavam no Brás. Quer dizer, o Brás foi, foi... separado, por assim dizer, porque havia mão-de-obra ali importada, alguma, algumas especializadas. Praticamente, se formou ali um parque industrial de São Paulo. Primeiro - beira de estrada de ferro...

H. - Isso.

F. - ...hã... saída para o Rio de Janeiro...

P. - Hum, hum



F. F.

- ... e para outros estados de outro lado, não é? Aí é que era a condição para a industrialização. Quer dizer, mas não se pensou para cem anos nem para duzentos anos, nem para cento e cinquenta, se pensou para vinte anos. Hoje, nenhuma indústria se instala lá e as indústrias que lá estavam saíram de lá...

H.

- É.

F.

- ... né? Se criou um outro tipo.

P.

- Mas, no caso da especulação imobiliária também, não é? Por ser próximo ao centro da cidade. O Brás há... o que que é? A dez minutos do centro da cidade. Então, os terrenos cresceram de preço, a especulação imobiliária tá em cima, não é verdade? Mas, ao mesmo tempo em que na época em que o Brás se fez, ele não se, não se fez numa... Ele não se caracterizou hoje por uma outra coisa.

H.

- Hum, hum.

F.

- Se vocês repararem, não se caracterizou por uma outra coisa.

P.

- Hum, hum.

F.

- Não é que prá lá foram escritórios, não é? Há... manufaturas...

P.

- Comércio...

F.

- ... não é? Há um comércio, quer dizer, o cara que mora no Brás, hoje, trabalha em outro lugar, não é verdade?

P.

- Fora os... próprios migrantes nordestinos...

F.

- Em substi... em substituição àquela industrialização não se criou uma outra coisa, né?



P.

- É, inclusive que no início, a indústria...

F

- Prã mim ele é um bairro em extinção.

P.

- Hum, hum.

H.

- Franca extinção.

RISOS

F.

- Em extinção.

P.

- Porque no, no...

F.

- Ele resiste de teimoso através de um folclore, de uma, de uma...

P.

- É. Ele é uma zona de dormitório, né? Porque todo o pessoal que trabalha de operário dorme lá.

F.

- É de uma... Ainda as cantinas remanescentes ainda leva assim...

H.

- Só duas (...)

F.

- ...(...), né?

P.

- Ele é mais uma zona dormitório.

F.

- É, é um bairro dormitório...

P.

- É.

F.

- ... não é?

P.

- É um bairro de passagem, que é muito importante também, né?

F.

- É. Por isso o comer...

P.

- Ele é um corredor.

F.

- Por isso o comércio...

instituto de arte contemporânea



TR-2474

- P. - hum, hum.
- F. - ... ele é um corredor.
- P. - Mas, eu acho, eu acho o seguinte: no início, a indústria quando se instalou no Brás, ela chamou...
- F. - Hum...
- P. - ... os, o... chamou uma classe de operários, tal que a indústria foi se desenvolvendo, foi havendo uma especulação imobiliária em cima disso: a terra começou a ser mais cara, o imóvel mais caro, o aluguel mais caro. Ela foi, isso foi expulsando o morador de lá...
- F. - Exatamente, exatamente.
- P. - ... os que não tinham condições...
- F. - Exatamente.
- P. - Indo para a periferia, os que tinham condições, vindo pra bairros melhores. E, hoje ele é um bairro assim pro tipo provisório, né? Que o cara que chega do nordeste se instala lá, num cortiço ou numa pensão, até melhorar de vida e arrumar sua casinha sei lá onde... provavelmente na periferia.
- F. - É, é, é de passagem.
- P. - Hum, hum.
- F. - É de passagem.
- H. - E que isso também tende a acabar agora, né?
- F. - E também...
- P. - Com o Metrô?

instituto de arte contemporânea

X



- F. - E também, por exemplo, ainda o Brás se sustenta através da estação do Norte, chamada Estação do Norte, né?
- P. - É.
- F. - Que é fim de uma linha de estrada de ferro - a Estação do Brás, né? A Roosevelt tem vários nomes: Estação do Brás...
- P. - ... Norte...
- F. - ... Estação do Norte, há... Roosevelt, né? Há... Então, ainda ele se, ele se mantém como um centro comercial porque... todo esse pessoal dessa zona norte, né?
- P. - Zona Leste.
- F. - ... Zona Leste, que vem de trem, vem, quer dizer, destes subúrbios, né? Para na Estação do Brás e faz as compras ali, não vai até o centro, né?
- P. - E daí ter aquele comércio tipicamente nordestino.
- F. - É.
- P. - Mas acho que é isso. Tem mais alguma coisa?
- F. - Refrescar a emmória. (...).

Obs.: palavra(s) ininteligível(is) = (...)

MFAS/mbs
/mfas.